**A ABORDAGEM TEÓRICO-PRÁTICA DAS PLANTAS TÓXICAS NA DISCIPLINA DE FITOTERAPIA**

José Antonio Gonçalves Matias[[1]](#footnote-1),

 Climério Avelino de Figueredo[[2]](#footnote-2).

Centro de Ciências da Saúde
Departamento de Fisiologia e Patologia

XV Encontro de Iniciação à Docência

RESUMO

O Brasil, devido ao seu grande território e ao clima agradável, conta com uma flora muito extensa e diversificada de plantas medicinais. Tamanha diversidade permite que a Fitoterapia seja eficaz no tratamento de muitas doenças, quando usada corretamente. Da mesma forma, também encontramos uma grande quantidade de plantas tóxicas no nosso país. Algumas delas, como a espirradeira (*Nerium oleander*) e o comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia picta*), são plantas que, se ingeridas, podem causar sérios riscos à saúde, e mesmo assim são muito utilizadas na ornamentação das casas, por pessoas que, muitas vezes, desconhecem o potencial tóxico dessas plantas. Tais plantas tóxicas representam um perigo que muitas vezes não é percebido ou é desconhecido pela população e afeta também as grandes criações de animais, o que acarreta no prejuízo econômico por parte dos seus criadores e das pessoas que dependem desses animais para o seu sustento. Torna-se fundamental reconhecer as plantas tóxicas existentes no nosso meio. O presente trabalho tem como objetivo expor os diferentes métodos de abordagem das plantas tóxicas na disciplina de Fitoterapia, que é realizada em conjunto por professores e monitores, ao longo de toda a disciplina. O estudo sobre as plantas tóxicas na disciplina de Fitoterapia é muito importante, uma vez que, através dele, os alunos conseguem identificar as principais plantas tóxicas que existem no nosso estado, podendo, então, alertar as pessoas sobre os riscos de tais plantas e agir adequadamente no caso de uma intoxicação por qualquer uma delas.

Palavras-chave: Fitoterapia, Plantas Tóxicas, Plantas Medicinais

1INTRODUÇÃO

O uso de plantas medicinais pelo ser humano remonta às primeiras civilizações. À medida que o homem utilizava as plantas como alimento, ia descobrindo que algumas delas provocavam determinados efeitos, benéficos ou maléficos, em seu organismo. Isso fez com que ele evitasse as plantas que lhe faziam mal e utilizasse cada vez mais as plantas que provocavam efeitos agradáveis.

Até os dias de hoje, é muito comum o uso da Fitoterapia pela população em geral. O Brasil, devido ao seu grande território e ao clima agradável, conta com uma flora muito extensa e diversificada. Somente na região Nordeste, por exemplo, foram registradas 483 espécies de plantas medicinais (AGRA, 2007). Tamanha diversidade permite que a Fitoterapia seja eficaz no tratamento de muitas doenças, quando usada corretamente.

Da mesma forma que existe uma grande diversidade de plantas medicinais em nosso território, também encontramos uma grande quantidade de plantas tóxicas. Algumas delas, como a espirradeira (*Nerium oleander*) e o comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia picta*), são plantas que, se ingeridas, podem causar sérios riscos à saúde, como náuseas, vômitos, cólicas abdominais, sonolência, tontura, distúrbios visuais e coma, no caso da ingestão da espirradeira, e irritação da mucosa da boca e da faringe, edema de lábios, língua e gengivas, salivação intensa, vômitos e cólicas abdominais, caso ocorra a ingestão do comigo-ninguém-pode (FIGUEREDO, 2010). Mesmo assim, são muito utilizadas na ornamentação das casas, por pessoas que, muitas vezes, desconhecem o seu potencial tóxico.

Outras plantas que possuem efeitos tóxicos significativos e que são bastante comuns em nosso meio são a saia branca ou dama-da-noite (*Datura stramonium*), cuja ingestão geralmente causa alucinações, desorientação, distúrbios respiratórios, convulsões e coma; a mamoneira (*Ricinus communis*), cuja semente contém uma substância muito tóxica, a Ricina, que, se ingerido, provoca náuseas, vômitos, diarreia, distúrbios hidroeletrolítico, choque e insuficiência renal aguda; a mandioca brava (*Manihot utilissima*) que, se ingerida crua, pode causar náuseas, vômitos, tontura, distúrbios respiratórios, convulsões, e até mesmo o óbito; o avelós (*Euphorbia tirucalli*) e a urtiga branca (*Urtica urens*), plantas que, ao entrar em contato com a pele (especificamente o látex das folhas do avelós e os pelos presentes na urtiga), causam edema, eritema e formação de bolhas e vesículas muito pruriginosas ou dolorosas no local (FIGUEREDO, 2010).

Tais plantas tóxicas representam um perigo que muitas vezes não é percebido ou é desconhecido pela população, e não afeta apenas os humanos: Há relatos na literatura de casos de intoxicação por plantas em criações de equinos (NOBRE, 2004) e de outros animais de grande porte, o que acarreta muitas vezes a morte desses animais e prejuízo econômico por parte dos seus criadores e das pessoas que dependem desses animais para o seu sustento.

Sendo assim, torna-se fundamental reconhecer as plantas tóxicas existentes no nosso meio, uma vez que tal conhecimento ajuda a diminuir o número de casos de pessoas e animais intoxicados por tais plantas, refletindo numa melhor qualidade de vida da população e em maior retorno financeiro por parte dos criadores de animais. É nesse sentido que a disciplina de Fitoterapia, através de aulas teórico-práticas com os professores e os monitores, apresenta as principais plantas tóxicas existentes, os efeitos de sua intoxicação e as medidas a serem tomadas diante de um caso de intoxicação como parte de sua ementa.

O presente trabalho tem como objetivo expor os diferentes métodos de abordagem das plantas tóxicas na disciplina de Fitoterapia, que é realizada em conjunto por professores e monitores ao longo de toda a disciplina.

2 METODOLOGIA

Neste trabalho, apresentamos as formas como o tema Plantas Tóxicas é discutido na disciplina Fitoterapia, as principais plantas tóxicas que são abordadas e a importância do estudo destas plantas para a formação do profissional de saúde tendo em vista que é comum a intoxicação por plantas, principalmente entre as crianças.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A disciplina de Fitoterapia aborda as plantas tóxicas através de aulas teórico-práticas, quando os professores apresentam aos alunos, através de aulas expositivas, as principais plantas tóxicas existentes em nosso meio e em seguida, com o auxílio dos monitores, são apresentadas aos alunos algumas espécies de plantas tóxicas que são cultivadas no Núcleo de Estudos e Pesquisas Homeopáticas e Fitoterápicas (NEPHF), como o avelós, a urtiga branca, a saia branca, a mamoneira e o comigo-ninguém-pode. As outras plantas tóxicas que não são cultivadas no NEPHF são trazidas pelos professores e apresentadas aos alunos. As aulas práticas são realizadas com a supervisão dos professores e monitores, sendo os alunos previamente avisados sobre os riscos de cada planta apresentada, no sentido de evitar eventuais acidentes.

Os alunos recebem uma apostila no início da disciplina, elaborada pelos professores do NEPHF, e nela constam, dentre outros assuntos, os dados sobre todas as plantas tóxicas estudadas, incluindo o nome científico de cada uma, o que ajuda a identificar cada planta adequadamente e facilita na busca de informações em outras literaturas, a família à qual a planta pertence, os nomes populares de cada planta, uma vez que, dependendo da região, uma mesma planta pode ser chamada por vários nomes, as partes tóxicas da planta, os sintomas da intoxicação e as medidas que devem ser tomadas na vigência de uma intoxicação por cada uma delas. Nesse ponto, é destacada a procura imediata ao Centro de Assistência Toxicológica da Paraíba (CEATOX/PB), localizado no Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW).

Um aspecto bastante importante, que é discutido nas aulas sobre as plantas tóxicas e ao longo de toda a disciplina, é que todas as plantas, mesmo as que possuem efeitos medicinais cientificamente comprovados, possuem um potencial tóxico, se não usadas corretamente. Cada planta medicinal possui uma parte específica (folhas, cascas, raízes etc.) que é a que possui as propriedades medicinais, devendo, portanto, ser a parte utilizada. E cada uma dessas partes exige um método de preparo diferente, onde a quantidade de plantas utilizada, a posologia e a validade podem variar. De tal forma que, se uma preparação fitoterápica é feita usando partes de uma planta que não são indicadas e/ou não seguir o método de preparo, a posologia e a validade estabelecidas, tal preparação poderá causar efeitos tóxicos. Todos esses aspectos são discutidos nas aulas da disciplina, e constam na apostila da disciplina, que apresenta o modo correto de utilização de cada uma das plantas estudadas, de acordo com o que é colocado pela literatura científica.

Também é importante destacar que, mesmo seguindo o método de preparação e utilização corretamente, ainda existe um risco de intoxicação que é particular de cada planta, uma vez que as plantas e os medicamentos fitoterápicos, assim como os medicamentos alopáticos, possuem, em sua maioria, metabolização hepática e excreção renal, de forma que o seu uso prolongado pode causar toxicidade hepática e/ou renal, principalmente se utilizados por idosos ou crianças pequenas. E ainda há o risco de interação entre duas ou mais plantas (ou medicamentos fitoterápicos) ou entre as plantas (ou medicamentos fitoterápicos) e os medicamentos alopáticos, que podem contribuir para essa toxicidade. Os professores e monitores orientam os alunos a não associarem os medicamentos fitoterápicos entre si e com medicamentos alopáticos, sem antes consultar um profissional capacitado.

Muitas pessoas acham de que as plantas medicinais, por serem "naturais", não causam mal nenhum ao organismo e isso contribui para que elas sejam usados de maneira inadequada (posologia acima da permitida, associação de vários plantas ou de uma planta com medicamentos alopáticos, dentre outros) e causem mais toxicidade. Esse pensamento é desmistificado pelos professores e monitores ao longo da disciplina, com o respaldo da literatura científica.

Além da apostila elaborada pelos professores, existe uma apostila virtual, que foi elaborada pelos monitores da disciplina, com a supervisão dos professores, onde estão presentes várias imagens das plantas estudadas, com os mesmos dados presentes na apostila feita pelos professores, acrescidos de mais algumas informações. Uma vez que essa apostila traz imagens das plantas vistas nas aulas práticas e os assuntos dados nas aulas teóricas e é disponibilizada para todos os alunos consultarem virtualmente, ela se mostra como uma importante ferramenta de aprendizado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É muito importante o estudo sobre as plantas tóxicas na disciplina de Fitoterapia, uma vez que, através dele, os alunos conseguem identificar as principais plantas tóxicas que existem no nosso estado, podendo então alertar as pessoas sobre os riscos de tais plantas e agir adequadamente no caso de uma intoxicação por qualquer uma delas. Ressaltamos também a importância de usar corretamente as plantas medicinais, uma vez que, se o modo de utilização das plantas medicinais não for seguido adequadamente (parte utilizada, quantidade de planta a ser utilizada, método de preparo, posologia, validade, dentre outros), há o risco de toxicidade com o uso de qualquer planta. Por fim, destacamos a importância de orientar aos alunos da disciplina sobre os riscos da associação da Fitoterapia com os medicamentos alopáticos e sobre os riscos do uso prolongado da Fitoterapia no que diz respeito à toxicidade hepática e renal que eventualmente ocorre a longo prazo. Se considerarmos que o módulo de Fitoterapia é oferecido para diversos cursos da área de saúde (Medicina, Enfermagem, Nutrição, Farmácia, dentre outros), esse conhecimento pode ser repassado para toda a população atendida por esses futuros profissionais de saúde, mesmo que eles não trabalhem diretamente com a Fitoterapia.

5 REFERÊNCIAS

AGRA, M. F.; FREITAS, P.F.; BARBOSA-FILHO, J. M. **Synopsis of the plants known as medicinal and poisonous in Northeast of Brazil.**Rev. bras. farmacogn., João Pessoa, v.17, n.1, Mar.2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em  21  Set.  2013.

FIGUEREDO, C.A. **Fitoterapia**. (Texto didático). NEPHF: João Pessoa, 2010.

NOBRE, V. M. T et al. **Intoxicação por *Crotalariaretusa (Fabaceae)* em Eqüídeos no semiárido da Paraíba.**Pesq. Vet. Bras.,  Rio de Janeiro ,  v. 24, n. 3, Set.  2004 .   Disponível em <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em  02  out.  2013.

1. Monitor bolsista da disciplina [↑](#footnote-ref-1)
2. Professor da disciplina e orientador. [↑](#footnote-ref-2)